

Apresentação

Um vento se move sobre as águas e é o momento inicial da criação. Vida e conhecimento são árvores plantadas em um jardim. A vida humana, a dos animais e a terra coexistem sob o mesmo dinamismo vital. Um arco e nuvens expressam vontade e afeição divinas. Algumas aves anunciam o fim de uma catástrofe climática, outros até alimentam um profeta. As montanhas cantam. As árvores aplaudem. Uma cobra dialoga astutamente. A seca e as chuvas são atores políticos. Rãs, gafanhotos, moscas, um rio são operadores da libertação de um povo. Estas são apenas breves menções de uma riqueza de testemunhos que a Bíblia tem sobre a ação e participação vital do não-humano na história.

Essas cenas mostram que a Palavra de Deus quer que reconheçamos que a Natureza é um agente para a existência eficiente de tudo e de todos. Não é apenas um recurso explorável, muito menos um simples objeto inerte.

Por isso, nesta edição da Revista Latino-Americana de Interpretação Bíblica – RIBLA - vamos reivindicar a atual posição desfavorecida da Natureza, através de uma abordagem sentipensar a um dos maiores representantes da Natureza viva: a Amazônia. Faremos isso a partir de reflexões bíblicas e teológicas que se alimentam de disciplinas como a antropologia, a sociologia, a ecologia, a economia, entre outras.

Neste estudo consideramos que a Amazônia não é apenas um território geopoliticamente delimitado. Também não é apenas um reservatório de espécies de fauna e flora. Não pode ser restringido a ser apenas um lugar exótico ou paradisíaco. Não é um espaço cheio de perigos. Não deve ser chamado de território virgem, só porque o homem ocidental não o conheceu. A Amazônia compreende diversos territórios, de notável amplitude e grande vitalidade. É também uma complexa interconexão e interação de múltiplos atores que, na medida

em que se inter-relacionam, constituem um enorme sistema harmonioso de vida e que, comparado a outros, tem a capacidade de ser um motor vital, não apenas para os povos que o habitam, mas para o mundo inteiro.

A Amazônia também é uma matriz de pensamento, um substrato epistêmico ou uma grande expressão de conhecimento, onde não apenas os humanos pensam, mas também as plantas, que são possuidoras de uma sabedoria que sustenta a vida. Os rios são fonte de vida e alimento, que geram uma interdependência com humanos, plantas e animais. Sob essa relação, foram constituídas várias formas culturais que coincidem no sentido de que o ser humano não habita a Natureza, mas coexiste com ela.

Reconhecemos também que a Amazônia não é apenas um vasto território localizado na América do Sul, mas uma entidade que representa os numerosos territórios de selva de Abya Yala que, devido à sua riqueza vital, tornou-se alvo de pilhagem organizada e caçada, apropriação legalizada e ilegal de suas áreas territoriais, de disputa multidimensional de sua soberania e da múltipla colonização de seus povos.

Os contatos históricos que o Ocidente promoveu com os povos originários da Amazônia não foram fraternos, mas viveram da dominação, exploração e exotização dos habitantes amazônicos. Apesar disso, esses povos ainda permanecem em constante defesa de um modo de vida que socializa o ser humano com o não humano. Esses encontros colonizadores poderiam ter posto fim a esses modos de vida ou borrado completamente o que foi construído em uma história complexa. No entanto, hoje esses povos continuam a construir seu ser no mundo por meio de modos novos e próprios de pensar e agir.

É por isso que, neste número da RIBLA, guiados pela luz da Palavra de Deus, queremos nos unir aos muitos esforços que estão sendo desenvolvidos a partir e em favor da Amazônia, a fim de fazer ouvir nosso clamor por maior justiça para ela. Além disso, pretendemos motivar os leitores e as leitoras a dedicarem um tempo para reconhecer que a Amazônia pode desafiar nosso modo de vida, apresentando-nos novas lógicas e nos ensinando novas sabedorias que abrem nossos horizontes e subvertem os fechamentos que nosso

pensamento e nossa esperança sofreram, devido à operação de múltiplos sistemas de opressão.

Nesta edição de nossa revista, os leitores e as leitoras encontrarão, num primeiro momento, reflexões profundas e situadas sobre a Amazônia. Conceitos são desconstruídos para dar origem à articulação de novos acessos ao estudo da Amazônia, bem como à luta em favor dela. Não quisemos construir um quadro analítico que obedecesse apenas ao raciocínio ocidental, mas que também garantisse que a sabedoria dos povos amazônicos nos diga quais são suas formas de imaginar e interpretar a Amazônia.

Num segundo momento, será possível examinar as obras bíblico-exegéticas do Antigo Testamento que fazem um profundo escrutínio das narrativas que mostram eventos da vida de Israel. São episódios que iluminam a reflexão sobre a atual situação da Amazônia. Para enriquecer a análise consideramos a participação de lideranças sociais de povos originários da Amazônia, em exercícios de leituras libertadoras do texto bíblico.

No primeiro artigo é construído um quadro epistêmico que oferece uma visão holística da Amazônia. Para isto recorreremos a uma das principais protagonistas na busca por justiça em favor do território amazônico, a ministra do Meio Ambiente do Brasil, Marina Silva. A autora apresenta fundamentos históricos, científicos e teológicos para dismantelar as noções sobre a Amazônia que foram construídas desde a modernidade capitalista em um desejo franco de objetificá-la para explorá-la. Marina propõe formas mais justas de conceber a Amazônia.

Em seguida temos a contribuição de Geraldina Céspedes, da Guatemala e da República Dominicana. Geraldina se baseia nos postulados do ecofeminismo atual para entrar no profícuo debate sobre a Amazônia como território-terra e território-corpo, fornecendo argumentos sólidos para uma coabitação justa na e da Amazônia. Esta visão exige uma consciência eco-social que transgrida a dominação das visões patriarcais e androcêntricas da Natureza.

Katy Machoa, Nemo Andy Guiquita e María Alejandra Andrade nos introduzem na cosmovisão e na cosmoexperiência dos povos amazônicos assentados nos territórios da atual nação do Equador, para nos dar a conhecer porque a Amazônia é um ser vivo. Usando

narrativas e canções das comunidades originárias e fazendo um recorrido por diversos relatos bíblicos que evidenciam a natureza como agente, as três autoras apresentam fundamentos para reconhecer a força vital da Amazônia.

Como afirmamos nesta RIBLA, quando falamos da Amazônia estamos incluindo todas as expressões naturais da selva de nossa região. É por isso que, no artigo seguinte, Jocabed Solano nos permite experimentar as formas de inter-relação que seu povo Gunadule, estabelecido no que hoje é chamado de Panamá, mantém desde tempos muito antigos com a Natureza. Através de sua reflexão, a autora faz um apelo sentido à reconciliação entre os seres humanos e a Amazônia, a fim de evitar sua maior destruição.

A partir de sua extensa experiência de vida na Venezuela, convivendo com comunidades amazônicas, Bernardo Favaretto nos desafia a reconhecer que a cosmovisão ocidental moderna não é a única forma de se relacionar com a Amazônia, mas que hoje existem ontologias que são chamadas de ancestrais e que ainda estão vigentes no mundo amazônico. Essas ontologias foram construídas pelos povos originários e estão constantemente sendo reconfiguradas pelo advento da modernidade. Elas também estiveram presentes na antiguidade do povo de Israel, e é por isso que Favaretto propõe que a história de Gênesis 2, sobre a árvore da vida, deve ser abordada a partir dessas perspectivas.

Edison Espinosa teve o privilégio de se juntar a duas comunidades amazônicas Shuar para ler o texto de Gênesis 2 e nos apresenta uma reflexão que explica essa experiência. A narrativa apresenta primeiro uma leitura da realidade Shuar, que enfatiza os constantes processos de colonização e extrativismo a que estes povos foram submetidos. Em seguida, é realizada uma revisão do relato criacional de Gn 2, que nos permite conhecer as lógicas Shuar sobre suas origens, a relação entre os seres humanos e a Natureza e o afeto que une as sociedades amazônicas com sua Amazônia.

Antônio Carlos Frizzo alerta para as políticas de governos como o de Jair Bolsonaro no Brasil que têm favorecido um biocídio sistêmico da Amazônia e de todas as formas de vida nela, como a vida humana, que foi duramente atingida pela pandemia de Covid-19. De maneira que, Frizzo faz um relacionamento muito bem argumentado

entre o atentado desses governos contra a vida na Amazônia e o fratricídio que Caim realizou sobre Abel.

Por sua vez, Abiud Fonseca Ariza faz uma comparação sugestiva entre o relato de Gênesis 14 sobre o encontro das divindades semíticas Yahweh e El Elyon, com a história mais contemporânea do encontro do Deus cristão com a realidade sagrada Shuar chamada Arútam. Não só é relatado como uma série de apropriações e justaposições simbólicas foram formuladas, mas também se analisa como, no caso do Deus cristão e Arútam, o encontro foi colonizador e violento.

Yonny Mejía e Harold López, desde Nicarágua, denunciam o tratamento abusivo que o capitalismo contemporâneo faz da Amazônia, através da apresentação do caso da reserva da biosfera Bosawás. Em seguida Mejía e López nos confrontam com um apelo divino em favor da terra feito em Levítico 25, na passagem sobre o ano jubilar. A partir dessa releitura do texto bíblico são encontradas pistas para impedir a desapropriação injusta de terras que continua ocorrendo na Amazônia.

Continuando com o tema do extrativismo na Amazônia, a autora venezuelana Rebeca Cabrera destaca as injustiças do sistema político socioeconômico imperial. Analisando o relato bíblico sobre as ações da monarquia opressora ao se expropriar da vinha de Nabot, tramando seu vil assassinato, Cabrera traça paralelos entre essa narrativa bíblica e a atual atuação política multidimensional do governo na Amazônia.

Depois, Matthias Grenzer e Dário Bossi do Brasil fazem uma análise muito criativa e desafiadora sobre a supervalorização que as sociedades, especialmente o capitalista, historicamente têm atribuído ao ouro. Isso conduziu a sociedade atual a uma busca desenfreada desse metal, muitas vezes adquirido através da extração ilegal, em especial na Amazônia, prejudicando-a de forma irreparável. Grenzer e Bossi mostram que o texto bíblico faz um dismantelamento inteligente do valor comercial do ouro, apontando que há algo mais valioso: a vida, como destacam os mandamentos de Deus.

Pedro Robledo, do México, faz um apelo à consciência de todos nós que habitamos a Terra para que não esqueçamos que a Bíblia, a partir de suas narrativas mais antigas, é a favor do cuidado responsável de toda a criação. Isso é evidenciado em relatos

emblemáticos como as cosmogonias de Gênesis 1 e 2 e do mandato do descanso da terra em Levítico 25 e 26. Nessas narrativas, Deus faz ouvir sua voz em favor da Terra e exorta os seres humanos a não esquecer que ela é a casa comum onde devemos viver em harmonia e com alto senso de justiça.

Por último, em forma de testemunho, queremos acolher a valiosa contribuição de um dos mais renomados representantes atuais da ecoteologia latino-americana, Leonardo Boff, do Brasil. Em seu escrito, ele nos exorta a assumir que a Amazônia é um bem comum da humanidade, que infelizmente está sendo destruído pela própria humanidade.

Esperamos que RIBLA 95, *Amazônia: Territórios, Bíblia e Justiça*, nos encoraje a mudar nossa visão e nossas ações em relação à Amazônia, pois se não o fizermos, estaremos nos alistando para sucumbir aos flagelos que nossa negligência e inconsciência estão produzindo. Flagelos como a destruição massiva do pulmão da Terra: a Amazônia.